

## O consentimento israelense ao genocídio



Por GIDEON LEVY\*

*Quando 62% da população nega a existência de inocentes em Gaza, a desumanização deixa de ser projeto extremista para se tornar consenso nacional sustentado por uma máquina de negação midiática*

Os massacres de 7 de outubro de 2023 trouxeram a morte à Faixa de Gaza. Levará anos para que ela retorne à vida, se é que isso acontecerá. Mas esses eventos, e o subsequente ataque israelense, também mataram a esperança por um Israel diferente. Ainda é cedo para mensurar a extensão dos danos que esta guerra causou à sociedade e ao Estado israelense.

A mudança é claramente radical. Também aqui, a remoção dos escombros e a reconstrução levarão anos, se é que algum dia ocorrerão. Tanto Gaza quanto Israel foram destruídos, talvez de forma irreversível, cada um à sua maneira. A devastação da primeira é visível a olho nu, a quilômetros de distância; a do segundo permanece escondida sob a superfície.

O dia 7 de outubro foi um ponto de virada histórico. Naquele dia, o Hamas invadiu Israel e cometeu um massacre sem precedentes no país. E naquele dia, Israel mudou de rosto. Talvez seu novo rosto estivesse escondido atrás de uma máscara, apenas esperando para ser revelado. Ou talvez a mudança tenha sido mais profunda. De qualquer forma, os demônios saíram da caixa e não estão prestes a retornar. A Faixa de Gaza agora é inabitável. Para aqueles que aspiram a uma vida livre e democrática, Israel também se tornou uma terra hostil.

Uma certa interpretação dos acontecimentos impôs-se imediatamente, o que mudou a consciência política e existencial do país. Líderes, mídia e comentaristas imediatamente descreveram os ataques como “A maior catástrofe que atingiu o povo judeu desde o Holocausto”.<sup>[1]</sup> O Holocausto e 7 de outubro de 2023, no mesmo fôlego, como se fossem comparáveis, como se tivessem ocorrido dois exterminios... Um exagero absurdo, sem qualquer fundamento – a escala, os objetivos, os meios, tudo difere – mas repetido *ad nauseam* e perfeitamente calibrado para servir à propaganda governamental.

Essa escolha de comparação não foi acidental. Ela decorre da vitimização que acompanha Israel desde sua fundação em 1948, após o genocídio do povo judeu; uma vitimização que, aos olhos de muitos israelenses, dá ao país o direito de agir como nenhum outro está autorizado a fazer. Imediatamente declarada como algo natural no debate público, essa analogia constituiu o sinal verde que Israel deu a si mesmo para lançar seu ataque: se 7 de outubro fosse um “holocausto” o genocídio que se seguiria seria legítimo.

### “E o que você queria que fizéssemos?”

Então o humor do país mudou; ou pelo menos foi revelado que não era filtrado, despojado de tudo “politicamente correto”. Muitos israelenses, provavelmente a maioria deles, consideram agora que “não há pessoas inocentes em Gaza”. De acordo com uma pesquisa do Chord Center, afiliado à Universidade Hebraica de Jerusalém (agosto de 2025), tal crença diz respeito a 62% dos israelenses, e até 76% de judeus israelenses.

# a terra é redonda

A acusação, repetida em todos os tons durante dois anos, ampliou-se gradualmente e tornou-se comum ouvir também que “não há palestinos inocentes” – isto é, os palestinos da Cisjordânia também merecem ser punidos. Tal ideologia abre caminho para a direita israelense, cujo sonho de longa data é estabelecer uma pátria judaica “do rio ao mar”, etnicamente pura.[\[2\]](#)

Os massacres perpetrados pelo Hamas em 7 de outubro foram vistos em Israel como evidência de uma sede de sangue inata entre os palestinos. Qualquer menção às circunstâncias históricas, políticas ou sociais do ataque foi vista como uma tentativa de justificação e, portanto, como traição.

António Guterres, Secretário-Geral das Nações Unidas (ONU), foi uma das primeiras vozes internacionais importantes a levantar esse contexto. Tel-Aviv imediatamente o rotulou de antisemita. Como ele ousa!? A virulência da barragem é facilmente explicada: qualquer perspectiva mina a legitimidade da “resposta” israelense. Devemos, portanto, ignorar a vida desesperada de cerco imposta aos habitantes de Gaza, mas também o abandono dos palestinos pela comunidade internacional, inclusive pelos países árabes que gradualmente se aproximaram de Israel.[\[3\]](#)

Outro fato óbvio se espalhou como fogo após 7 de outubro: Israel pode fazer qualquer coisa. “E o que você queria que fizéssemos??”, ouvimos constantemente, como se o genocídio fosse a única opção possível. A ofensiva em Gaza é unanimemente apresentada como um ato de autodefesa, autorizado pelo direito internacional.

A direita dominante, que nunca acreditou na coabitacão com os palestinos e nunca os considerou iguais como seres humanos, pôde embarcar em seu projeto insano de limpeza étnica da Faixa de Gaza, sem medo da oposição da esquerda e do centro. As ideias de paz, acordo político, diplomacia e uma solução de dois Estados desapareceram completamente do discurso político. Em acordo quase unânime, as diversas partes consideram que não há mais um parceiro palestino – já que não há inocentes – e que, portanto, não há mais nada a discutir, além da libertação dos reféns israelenses.

Como a recusa ao diálogo não bastava, Israel ultrapassou os limites do horror ao proibir expressões de solidariedade aos palestinos. Qualquer manifestação de empatia, preocupação e, claro, qualquer tentativa de ajudar Gaza tornou-se suspeita no país e, às vezes, até ilegal. Árabes israelenses (20% da população) são amordaçados. Rapidamente, alguns deles foram presos por postar mensagens de compaixão nas redes sociais, outros foram demitidos.[\[4\]](#) Isso nos incentiva a nos comportarmos...

Desde então, o Ministro da Segurança Pública de extrema direita, Itamar Ben-Gvir, tem trabalhado para reprimir ações em prol da paz. A população judaica não foi pouparada: muitos ativistas de esquerda foram presos por demonstrar solidariedade a Gaza.[\[5\]](#) Um manto de silêncio cobriu o país.

Privada ou pública, a mídia israelense se manteve voluntariamente nessa linha, até mesmo com entusiasmo. Por dois anos, sem qualquer censura real – se não autocensura –, eles decidiram não cobrir as atrocidades cometidas em Gaza.[\[6\]](#) Seu público pode conviver com a sensação de que apenas vinte pessoas vivem lá: os vinte reféns israelenses ainda vivos. A fome, a destruição, os massacres de civis são ocultados diariamente, ou relegados às margens das notícias, como uma espécie de concessão simbólica à verdade.[\[7\]](#)

Por outro lado, há inúmeros relatos sobre os reféns e os soldados israelenses mortos. Todo francês, mesmo o menos informado, provavelmente já foi confrontado com mais imagens do sofrimento em Gaza do que o israelense médio... A mídia favorece a negação e a dissimulação com ainda mais fervor porque sabe muito bem que isso corresponde às expectativas de seus consumidores. Os israelenses nunca quiseram saber nada sobre a ocupação; agora eles não querem saber de nada sobre o genocídio. Os palestinos merecem o destino deles, qual o sentido de falar sobre isso??

Qualquer informação vinda de Gaza é, portanto, questionada: o número de vítimas é exagerado, nunca houve fome, etc. Em contrapartida, jornalistas retransmitem servilmente as histórias do exército israelense. O Hospital Nasser foi bombardeado e 21 pessoas, incluindo cinco jornalistas, morreram? Provavelmente abrigava uma sede do Hamas...

# a terra é redonda

Mas o que devemos pensar de um exército que matou quase vinte mil crianças em menos de dois anos?? E quanto aos dados, compilados pelo próprio exército israelita, segundo os quais 83% das mortes palestinas não tiveram ligação com o Hamas?[\[8\]](#) Ninguém questiona. A narrativa oficial é mais conveniente para todos: o governo, os militares, a mídia e seus clientes. O que é inconveniente é escondido, e todos ficam felizes. Assim, o país se protege, graças a um vasto sistema de propaganda, escondendo a verdade de si mesmo. E poucos cidadãos reclamam disso.

Mentir e dissimular são comuns em tempos de guerra. Mas o caso israelense é especial. Quando você critica a mídia russa pela cobertura do conflito na Ucrânia, sabe perfeitamente que eles não têm escolha. Os jornalistas israelenses, por outro lado, são livres. Eles tiveram uma escolha e abandonaram conscientemente sua missão. Quando às vezes mostro aos meus amigos vídeos horríveis de Gaza - e há muitos deles - a reação deles é quase pavloviana: "Pode ser falso? Pode ter sido gerado por inteligência artificial? Pode ter sido filmado no Afeganistão?" Essa negação protege a sociedade israelense de confrontar a realidade.

Mas isso não é mais suficiente, porque outros países estão testemunhando as atrocidades cometidas em Gaza. Israel está se tornando um Estado pária, e seus cidadãos enfrentam crescente hostilidade no resto do mundo. E o que estamos fazendo?? Nós culpamos o resto do mundo: é antisemita, odeia Israel e os judeus; o planeta inteiro está contra nós, não importa o que façamos. Esse refrão vitimista faz com que os cidadãos aceitem a deterioração do status internacional de Israel. O país renunciou à opinião pública mundial.

Desde o primeiro dia do ataque a Gaza, manifestações - às vezes massivas - certamente foram organizadas. Mas elas se concentraram quase exclusivamente no retorno dos reféns e na remoção do primeiro-ministro Benjamin Netanyahu. Se os manifestantes exigem o fim da guerra, é apenas invocando o destino dos sequestrados e dos soldados. O destino de Gaza permanece ignorado, com exceção de uma determinada e admirável parcela de ativistas pela paz, cujas vozes estão sendo abafadas.

A saída de Benjamin Netanyahu é certamente essencial para o fim da guerra. Mas a questão palestina vai muito além da identidade do chefe de governo. As correntes fascistas e fundamentalistas, que cresceram significativamente nos últimos dois anos e agora penetram em todas as camadas da sociedade, não desaparecerão com ele.

## O laço aperta

Nada disso teria sido possível sem a carta branca dada a Israel pelos Estados Unidos, primeiro pelo Sr. Joseph Biden e agora pelo Sr. Donald Trump. Não contente em entregar armas ao seu aliado e garantir sua proteção, o presidente americano está se mobilizando para punir todos aqueles que ousam criticar Tel-Aviv.[\[9\]](#) Os membros do Tribunal Penal Internacional (TPI) em Haia, que ousaram emitir um mandado de prisão internacional contra o Sr. Netanyahu, pagaram o preço: o Sr. Trump emitiu uma ordem executiva (Ordem Executiva 14203) para impor sanções pessoais a eles. Diante do unilateralismo americano, a União Europeia atingiu o cúmulo da pusilanimidade.

Por medo de desagradar a Washington, e apesar da opinião pública às vezes muito crítica de Israel, ela se recusa a tomar medidas para ajudar Gaza, por exemplo, impondo sanções a Tel-Aviv. Os europeus se contentam com meras palavras, reconhecendo um Estado palestino que não existe e não será criado em um futuro previsível. O que eles foram capazes de fazer contra o regime do apartheid na África do Sul e contra a Rússia após a invasão da Ucrânia, eles estão se mostrando incapazes de fazer contra Israel.

Mas os israelenses estão começando a sentir o nó da corda se apertando em suas viagens ao exterior, bem como em seus contatos econômicos, científicos, comerciais, culturais e até mesmo pessoais com o mundo. A pressão está se intensificando sobre o país e seus habitantes. Até agora, nada conseguiu deter a macabra dança da limpeza étnica em Gaza. Presos em um universo à parte, desconectados da realidade, os israelenses não conseguirão pará-la sozinhos. Portanto, cabe ao resto do mundo salvar Gaza.

# a terra é redonda

\***Gideon Levy** é jornalista do jornal israelense *Haaretz*.

Publicado originalmente no site [GlobAlter](#)

Tradução: Artur Scavone

## Notas

---

[1] Conforme declarado pelo Sr. Benjamin Netanyahu em um discurso ao Knesset em 12 de outubro de 2023.

[2] Leia Alain Gresh, “ [Esvaziar Gaza, esse velho sonho israelense](#) », *Le Monde diplomatique*, março de 2025.

[3] Leia Akram Belkaïd, “ [Os dilemas do mundo árabe](#) », *Le Monde diplomatique*, novembro de 2024.

[4] Sara Monetta, “ [Árabes israelenses são presos por postagens em redes sociais sobre Gaza](#) ”, 21 de outubro de 2023.

[5] Adi Hashmonai, « [“Vão para Gaza”: manifestantes anti-guerra detidos durante a noite, dizem que a polícia os repreendeu](#) », *Haaretz*, Tel-Aviv, 13 de setembro de 2025.

[6] Emma Graham-Harrison e Quique Kierszenbaum, « [“Jornalistas veem seu papel como ajudar a vencer”: como a TV israelense está cobrindo a guerra de Gaza](#) », *The Guardian*, Londres, 6 de janeiro de 2024 ; Anat Saragusti, « [“O mundo está contra nós”: como a mídia israelense está censurando os horrores de Gaza](#) », *Haaretz*, 28 de maio de 2025.

[7] Lorenzo Tondo, “ [A mídia israelense “ignorou completamente” a fome em Gaza — isso está finalmente mudando ?](#) ”, *The Guardian*, 17 de agosto de 2025.

[8] Yuval Abraham e Emma Graham-Harrison, “ [Revelado: Dados do próprio exército israelense indicam uma taxa de mortalidade de civis de 83 % na guerra de Gaza](#) ”, *The Guardian*, 21 de agosto de 2025.

[9] Leia Eric Alterman, “ [O Sr. Trump em guerra com a liberdade de expressão](#) ”, *Le Monde diplomatique*, maio de 2025.

---

**A Terra é Redonda existe graças aos nossos leitores e apoiadores.**

Ajude-nos a manter esta ideia.

[CONTRIBUA](#)